

**O ENSINO SUPERIOR DO EMPREENDEDORISMO  
UMA FORMA DE COOPERAR  
HIGHER EDUCATION OF ENTREPRENEURSHIP  
A WAY TO COOPERATE**F. Policarpo <sup>(1)</sup>,<sup>(1)</sup> *Coordenação Interdisciplinar para a Investigação e Inovação,  
Instituto Politécnico de Portalegre.*[policarp@estgp.pt](mailto:policarp@estgp.pt)**Resumo**

Este artigo pretende promover uma reflexão entre as características do ensino superior do empreendedorismo e os benefícios de cooperar com as diversas organizações para a melhoria do processo de aprendizagem e para o desenvolvimento de inovações fundamentais à obtenção de vantagens competitivas por essas organizações.

No âmbito da leção da unidade curricular de Empreendedorismo e como forma de criar uma maior envolvimento com o meio, utilizando uma metodologia *learn by doing*, é solicitado aos alunos a elaboração de um trabalho que permita a criação ou melhoria de produto, serviço ou organização, visando a sustentabilidade e a possibilidade de criação do seu próprio negócio. Uma vez que através do estágio a maioria dos alunos tem a possibilidade de contactar com a realidade operacional das organizações, despertando para as necessidades de funcionamento e de melhorias necessárias à sustentabilidade das mesmas.

**Palavras-chave:** ensino superior; cooperar; empreendedorismo; aprendizagem activa.

**Abstract**

This article aims to promote reflection of the characteristics of top entrepreneurship education and the benefits of cooperating with various organizations for the improvement of the learning process and the development of key innovations to obtain competitive advantages by such organizations.

Under the teaching of the course of Entrepreneurship and in order to create greater involvement with the environment, using a methodology *learn by doing*, is asked students to draw up a work that allows the creation or improvement of product, service or organization, with a view to sustainability and the possibility of creating your own business. Once across the stage most students have the opportunity to contact with the operational reality of organizations, awakening to the operating requirements and necessary improvements will sustainability of the same.

**Keywords:** higher education; cooperate; entrepreneurship; active learning.

**1. Introdução** – Este artigo pretende promover uma reflexão entre as características do ensino superior do empreendedorismo e os benefícios de cooperar com as diversas organizações para a melhoria do processo de aprendizagem e para o desenvolvimento de inovações fundamentais à obtenção de vantagens competitivas por essas organizações.

Introduzindo uma aprendizagem ativa, através do desenvolvimento ou melhoria de produtos e serviços para diversas organizações, no sentido de encontrar soluções inovadoras que potenciem a sustentabilidade para a resolução de necessidades, incentivando os alunos a criar, assimilando assim uma atitude empreendedora. No passado formavam-se profissionais para serem, fundamentalmente, assalariados. Atualmente, e sempre apontando como alternativa de futuro a criação do próprio negócio, pretende-se um ensino mais atuante como forma de criar soluções para os problemas atuais da sociedade.

No âmbito da leção da unidade curricular de Empreendedorismo e como forma de criar uma maior envolvimento com o meio, utilizando uma metodologia *learn by doing*, é solicitado aos alunos a elaboração de um trabalho que permita a criação ou melhoria de produto, serviço ou organização, visando a sustentabilidade e a possibilidade de criação do seu próprio negócio. Uma vez que através do estágio a maioria dos alunos tem a possibilidade de contactar com a realidade operacional das organizações, despertando para as necessidades de funcionamento e de melhorias necessárias à sustentabilidade das mesmas.

**2. Ensino Superior do Empreendedorismo** - Quando falamos em ensino superior devemos analisar os dois modelos que estiveram na base do seu desenvolvimento os funcionalistas e os académicos. Os primeiros, mais centrados na preparação para a vida profissional, pretendem uma educação mais especializada e mais ligada às necessidades do mundo do trabalho. Estabelecem o ensino como uma ligação ao mundo do trabalho, defendendo a especialização orientada para a ação. Azevedo (1999) afirma que o termo “profissionalismo” se refere geralmente ao “conjunto das perspetivas teóricas e das medidas de política educativa que advogam que a educação deve tornar-se mais relevante na satisfação das necessidades da economia, da evolução do mercado de emprego, do trabalho e das profissões” (Azevedo, 1999, p. 73).

O modelo académico centrado no conhecimento, como forma de compreensão e valorização da aprendizagem enquanto processo, permitindo o desenvolvimento de capacidades críticas e reflexivas, para ganhar independência relativamente ao fazer e à ação. Para Mollen (1996), estes valores tradicionais do ensino superior são provavelmente tão importantes, ou ainda mais, do que os aspetos económicos e profissionais. As alterações no mundo do trabalho merecem mais atenção na definição dos cenários acerca da educação no ensino superior do que no passado (Teichler, 1996). O ensino superior deve ser encarado como um *serviço à comunidade atento às necessidades individuais e a uma organização centrada no processo educativo e na aprendizagem de cada pessoa* (Ambrósio, 2001, p. 190). Como objetivos do ensino superior são apontados os “desenvolvimento educacional” (Barnett, 1994) ou o “desenvolvimento intelectual” (Eljamal, M., Stark, J., Arnold, G. e Sharp, S., 1999).

O desenvolvimento intelectual entendido como *an increasing ability to use «thinking skills» to understand and reflect on relationships. This integrative or synthetic process of relating ideas differentiates the process of intellectual development from the prerequisite process of learning both content knowledge and the «skills» for effective thinking* (Eljamal, M., Stark, J., Arnold, G. e Sharp, S., 1999).

De acordo com Ambrósio (2001, p. 180), o “*pensamento crítico, problemático de criatividade, as competências interdisciplinares, de comunicação*” são, na sociedade atual, tão ou mais importantes do que os saberes profissionais e os saberes científicos. Neste sentido, a existência de programas de estudo mais flexíveis e menos limitados por fronteiras disciplinares assumem uma relevância muito particular, pois “*o papel da formação universitária, mesmo a de índole tecnológica, deve ser a de preparar o cidadão para resolver problemas complexos e novos, isto é, ajudá-lo a pensar. (...) Acima de tudo, há que vencer a preguiça dos comportamentos estanques e começar a pensar e ensinar em termos transversais e profundos.*” (Calado, 1998, p. 37).

Ambrósio (2001, p. 54), refere que “depois de termos privilegiado o acto de aprender, não separamos as duas questões: o que é que se aprende, do como se aprende.” O que aparece à investigação como importante é ligar as duas questões: isto é, a relação pessoal com o saber. De facto, segundo Teichler (1996, p. 96), “*the more demanding the occupational task the less directly can it be trained for*”, significando que é particularmente difícil preparar, de forma direta e mecânica, para a vida e atividade profissional no caso do nível de ensino superior.

Neste sentido, Barnett (1994, p. 201) salienta que “*the term «higher education» has a conceptual weight of its own. It is not simply a sub-set of the concept of education, and it should not be assumed that our thinking about education in general automatically holds for higher education*”. O mesmo autor sublinha que “*a genuine higher learning is subversive in the sense of subverting the student's taken-for-granted world*” (Barnett, 1994, p. 155), isto porque apesar de capazes, do ponto de vista

intelectual, os futuros empreendedores deverão estar conscientes da incerteza, quer cognitiva quer moral, para qualquer ação. Também para Teichler (1996, p. 97), neste nível de ensino “*graduates must be prepared not just to take on tasks and to apply existing rules, but they must also be capable and motivated to question established practices and to cope with unpredicted work tasks; that is, they must also anticipate and press for innovations*”.

Para Calado (1998) qualquer formação universitária deve preparar para a resolução de problemas, na base ajudar a formular o pensamento.

O ensino superior deverá proativamente, promover a flexibilidade dos indivíduos enquanto membros de uma sociedade em constante mutação (Conceição, P., Durão, D., Heitor, M., Santos, F., 1998). Deverá ser o aluno encarado como o grande objetivo do ensino superior, entendido em termos de aprendizagem e desenvolvimento da pessoa, mas não os saberes, conhecimentos e capacidades que o estudante deverá aprender, tal como decorre das propostas de vários autores (Barnett, Eljamal e Ambrósio). Tudo isto com o objetivo de, em termos de preparação para a vida profissional, “dar ao indivíduo uma compreensão social, profissional e pessoal do que é a profissão” (Ambrósio, 2001, p. 165).

Tavares (2003) enfatiza a importância de se investir no Ensino Superior, pelo facto de ser aí que se educam e formam futuros profissionais, referindo também que se deve fomentar uma cultura de responsabilidade e exigência nos cursos superiores.

Alguém com criatividade e capaz de inovar, foi desta forma que Joseph Schumpeter (1942) caracterizou, pela primeira vez, o empreendedor. Em 1967, K. Knight, e em 1970, Peter Drucker, introduziram o conceito de risco. Em 1985, Pinchot apresentou o conceito de intra empreendedor: alguém capaz de inovar no interior de uma organização.

Como refere Volkmann (2004) a educação para o empreendedorismo é importante para a saúde de qualquer universidade e para a economia do próprio país. Estudos realizados na Europa referem que a sociedade tem de valorizar o empreendedorismo, tendo em conta que pode ocorrer em qualquer sector, não se restringindo a áreas específicas (Comissão das Comunidades Europeias, 2003). Volkmann (2004) realça que o empreendedorismo não é algo que se adquira à nascença, algo inato, mas sim desenvolvido pela educação, tal como pelas experiências vividas ao longo da vida.

Como defendem Ferreira, J., Figueiredo, I., e Pereira, M. (2007), a tese de que o empreendedor é fruto da hereditariedade, atualmente parece não reunir muito consenso, na medida em que se reconhece que é possível aprender a ser empreendedor através da utilização de políticas diferenciadas ao nível do ensino. Os estudos desenvolvidos têm demonstrado, inclusive, que a preparação educacional pode contribuir para aumentar o número de empreendedores. Sarkar (2007) refere, ainda que, independentemente dos traços empreendedores serem mais prevalentes nalguns indivíduos do que noutros, o empreendedorismo pode ser promovido através de uma cultura empreendedora, que pode contribuir para a promoção de competências

empreendedoras, em relação com um processo, onde inevitavelmente estará presente a educação para o empreendedorismo em todos os níveis de ensino. Ou seja, para este autor, o ambiente externo, onde se incluem a cultura, a educação e as políticas públicas, pode ser promotor do empreendedorismo. Cooper (2010) refere que o objetivo da educação para o empreendedorismo é motivada por políticas económicas, sendo a universidade um veículo para o desenvolvimento da política governativa, criando *start-up* e estudantes mais capazes para o seu desenvolvimento.

Segundo a Comissão das Comunidades Europeias (2006), a educação para o empreendedorismo deve ser considerada em todos os níveis de ensino, desde o primeiro ciclo do ensino básico até à universidade sendo as orientações para fomentar o empreendedorismo no Ensino Superior, as seguintes: a integração desta temática, de modo transversal, em diversas disciplinas e cursos; uma adequada formação de docentes; o estabelecimento de redes; encorajamento da mobilidade dos professores entre a universidade e o mundo empresarial.

Cada vez mais é enfatizada a necessidade de se implementarem cursos de empreendedorismo para estudantes de diferentes áreas, ficando muito clara a *tendência do ensino de empreendedorismo permear todos os ambientes académicos* (Araújo *et al*, 2005, p.9). Atualmente, na Europa existem exemplos de boas práticas no âmbito da educação para o empreendedorismo no Ensino Superior, ao nível da formação de empreendedores na área das engenharias (Fleming, 2005; Levie, 2005), ciências, tecnologia e gestão (Fleming, 2005), não sem que, além do ensino, seja necessário um ambiente que promova o empreendedorismo (Levie, 2005). Verifica-se cada vez mais que o empreendedorismo se começa a relacionar com novas áreas onde o conceito de gestão é mais ou menos familiar e/ou remoto (Heinonen, J., Poikkijoki, S., Vento-Vieirikko, I. 2007). Estes autores mostram que a aplicação de programas de empreendedorismo em áreas como a química, física, tecnologia informática e bio informática e ciências médicas promovem o espírito empreendedor nos estudantes que os frequentam.

Levie (2005) refere que a educação para o empreendedorismo tem efeitos diferentes nos estudantes, pois se alguns descobrem que é esse o caminho que querem seguir, outros apercebem-se que essa via é mais complicada do que aquilo que pensavam e, por isso sentem necessidade de mais formação. Outros ainda concluem que, de facto, não têm vocação para empreender prosseguindo outras variantes de estudo relacionadas com a gestão. Fleming (2005) refere que a educação para o empreendedorismo consciencializa os jovens relativamente à opção de criarem o seu próprio trabalho como uma opção de carreira e, motiva-os a encarar com mais criatividade as suas oportunidades futuras.

A intenção empreendedora de estudantes de engenharia, segundo diversos estudos empíricos, resulta diretamente de fatores contextuais e indiretamente de traços da personalidade (Franke *et al.*, 2003). Referem os mesmos autores que a aplicação de um programa de empreendedorismo cria atitudes e intenções

empreendedoras.

Nesse contexto, a inspiração relacionada com a intenção de criar o seu próprio emprego mostrou ser o maior benefício do programa (Al-Laham, A. Souitaris, V., Zerbini, S., 2007).

Cone (2007), defende ser necessário criar-se um currículo mais consistente para o empreendedorismo no Ensino Superior, acessível a todos os estudantes, provenientes de todas as áreas de ensino. Refere, também, que nem todos os alunos serão (ou quererão ser) empreendedores, mas que, pelo menos, devem estar familiarizados com o papel e a importância que o empreendedorismo desempenha na economia e na sociedade, conscientes da possibilidade de poderem optar por este caminho em determinada altura das suas carreiras, usufruindo, da melhor forma, do que este tem para oferecer.

### **3. Ensino do Empreendedorismo, uma Experiência de Ensino**

– Fazendo parte da metodologia *learn by doing*, solicitou-se, na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Portalegre, a elaboração de trabalho de grupo, cujo objetivo seria melhorar ou criar um produto, serviço ou organização, de forma sustentável, tendo em vista o saber fazer. Considerando que, todos os alunos do terceiro ano do curso de enfermagem, desenvolvem estágio em todos os anos do seu curso, o seu conhecimento sobre a sua realidade operacional é efetivo encontrando-se preparados para a avaliação e melhoramento do meio envolvente com o qual irão trabalhar. Desenvolvendo pesquisa para avaliação do mercado alvo e dos produtos, serviços ou organizações existentes para a satisfação das necessidades inventariadas, são apresentadas as alternativas que melhor respondem à procura de mercado. Verificou-se que todos os alunos elaboraram e apresentaram o trabalho, obtendo avaliação positiva e que as propostas sendo inovadoras apresentavam grande aderência à sua realidade operacional/educacional.

Aplicando a mesma metodologia aos alunos da Escola Superior de Gestão, curso de Gestão diurno, foi possível verificar, que sendo alunos, também, do terceiro ano do curso, contudo sem estágio realizado e na generalidade sem qualquer experiência profissional, a dificuldade na elaboração do trabalho era extrema começando na criação da ideia a desenvolver. A falta de conhecimento sobre a realidade de mercado, sobre as necessidades das organizações e sobre a aplicação prática de conceitos apreendidos motivou esta maior dificuldade em realizar o que lhes era proposto.

Por outro lado, quando confrontados com a possibilidade de desenvolvimento de um projeto que significasse a criação do seu próprio emprego, a generalidade mostrou-se receosa do risco que poderia correr, da falta de incentivos e da preferência por um emprego. O conhecimento de temáticas relacionadas com finanças, mercado internacional e gestão de empresas coloca-os numa situação de maior receio face ao risco no contexto de crise em que se vive atualmente, pelo domínio do conhecimento académico.

**4. Conclusões** – É fundamental no ensino superior do empreendedorismo a cooperação com outras organizações permitindo criar uma plataforma operacional para o desenvolvimento de ideias inovadoras por parte dos alunos. É cada vez mais premente a ligação entre o ensino superior e o mercado de trabalho, através de um processo interativo e dinâmico, tendo de um lado a oferta (de qualificações) e, do outro, as necessidades.

A cooperação por parte das Instituições de Ensino Superior com outras organizações, possibilita e facilita o processo de aprendizagem, sendo uma mais-valia para todos os intervenientes. Como forma de melhor enquadrar esta metodologia é fundamental o estabelecimento de protocolos ou parcerias tendentes ao desenvolvimento da investigação aplicada, assumindo esta posição nos próprios conteúdos programáticos das unidades curriculares. Não devemos esquecer a importância de criar um ambiente que promova o empreendedorismo e que não basta garantir o que se ensina, mas também como se ensina.

Por outro lado e como forma de evitar o medo de errar e permitir a partilha de conhecimentos e experiências, resulta mais enriquecedor a criação de turmas transversais a diversas áreas curriculares, permitindo assim o aproveitamento e desenvolvimento de diferentes ideias inovadoras.

O enquadramento desta temática na calendarização da formação é também fundamental uma vez que estando numa fase de final de curso os alunos já idealizaram percursos profissionais, tornando-se menos recetivos a diferentes sugestões, nomeadamente de criação do seu próprio emprego

#### 5. References

- [1] Al-Laham, A., Souitaris, V., Zerbinati, S. (2007) The effect of learning, inspiration and resources, *Journal of Business Venturing*, 22, 566-591.
- [2] Ambrósio, T. (2001), *Educação e Desenvolvimento: Contributo para uma mudança reflexiva da Educação*, Monte de Caparica, edição UIED/FCT.
- [3] Araújo, M., Cabral, P., Cheng, L., Fillion, L., Lago, R., Oliveira, L. (2005), *O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores*, Química Nova, Retirado em 20/6/2007, [http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2003/com2003\\_0027en01.pdf](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2003/com2003_0027en01.pdf).
- [4] Barnett, R., (1994), *The idea of higher education*, Buckingham, Society for Research in Higher Education and Open University Press
- [5] Conceição, P., Durão, D., Heitor, M., Santos, F., (1998), *Novas ideias para a universidade*, Lisboa, IST Press.
- [6] Calado, J. (1998), *O novo paradigma e a inovação científica e pedagógica*, Novas ideias para a universidade, Lisboa, IST Press.
- [7] Cone, J. (2007), *Teaching Entrepreneurship in Colleges and Universities: How (and Why) a New Academic Field is Being Built*, Retirado em 11/8/2007 de <http://www.kauffman.org/items.cfm?itemID=716>.
- [8] Cooper, S. (2010), *Entrepreneurship section*, ACEDE, Granada, Setembro 2010.
- [9] Comissão das Comunidades Europeias (2003), *Green Paper Entrepreneurship in Europe* (presented by the Commission), Retirado em 20/6/2007, de [http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2003/com2003\\_0027en01.pdf](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2003/com2003_0027en01.pdf).
- [10] Comissão das Comunidades Europeias (2006). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Retirado em 20/6/2007, de [http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2006/com2006\\_0033pt01.pdf](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2006/com2006_0033pt01.pdf)
- [11] Eljamal, M., Stark, J., Arnold, G., Sharp, S., 1999, *Intellectual Development: a complex teaching goal in Studies in Higher Education*, volume 24, number 1, March 1999, pp. 7-25
- [12] Ferreira, J., Figueiredo, I., Pereira, M., (2007), *Guião Promoção do Empreendedorismo na Escola*, Lisboa, Ministério da Educação/Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- [13] Ferreira, J., Raposo, M., Rodrigues, R. (2007), *Propensão para a criação da própria empresa - proposta e teste de um modelo conceptual com recurso a equações estruturais*, In Ayala Calvo, J. C. y grupo de investigación FEDRA, *Conocimiento, innovación y emprendedores: Camino al futuro* (Eds). (1324- 1337), España: Universidad de La Rioja.
- [14] Fleming P. (2005), *Education for Entrepreneurship: The Irish Experience*, In P.Vilarinho (Ed), *Leading International Practices in Engineering Entrepreneurship Education*, (10-21), Lisboa, COTEC.
- [15] Franke, N., Luthje, C. (2003), *The "Making" of an Entrepreneur: Testing a Model of Entrepreneurial Intent among Engineering Students at MIT*. *R&D Management*. 33, Issue 2, 135-147.
- [16] Heinonen, J., Poikkijoki, S., Vento-Vierikko, I., (2007), *Entrepreneurship for bioscience researchers: A case study of an entrepreneurship programme*, *Industry and Higher Education*, 21, (1), 21-30.
- [17] Levie, J., (2005), *Entrepreneurship for Engineering students at the University of Strathclyde*, P. Vilarinho (Ed), *Leading International Practices in Engineering Entrepreneurship Education*, (74-88), Lisboa, COTEC.
- [18] Mollen, H. (1996), *Creation, transfer and application of knowledge through the higher education system*, *Goals and purposes of higher education in the 21st century*, London and Bristol, Jessica Kingsley Publishers.
- [19] Sarkar, S. (2007), *Empreendedorismo e Inovação*, Lisboa, Escolar Editora.
- [20] Schumpeter, J. (1939), *Business cycles*, New York, McGraw Hill Books.
- [21] Schumpeter, J. (1942), *Capitalism, Socialism & Democracy*, London, British Library.
- [22] Tavares, J. (2003), *Formação e inovação no Ensino Superior*, Porto, Porto Editora.
- [23] Teichler, U. (1996), *Higher Education and New Socio-economic Challenges in Europe*, in Arnold Burgen, *Goals and purposes of higher education in the 21st century*, London and Bristol, Jessica Kingsley Publishers.
- [24] Teichler, U., Kehm, B. (1995), *Towards a new understanding of the relationships between higher education and employment*. *European Journal of Education*, 30(2), 115-132.
- [25] Volkmann, C. (2004), *Entrepreneurial studies in higher education*, *Higher Education in Europe*, 29, (2), 177-185.